

DO PAI INCORPORADO AO PAI INCORPORAL

Resumo

O autor deseja, neste texto, articular o percurso que situa o pai como fundador da subjetividade de um sujeito, a partir da incorporação de um significante primordial, que passa a representar o Nome-do-pai como inscrição simbólica e que marca a singular maneira em que um sujeito se estrutura no campo discursivo da linguagem.

Palavras-chave: Nome-do-Pai, corpo, sujeito, significante.

Abstract

In the text, the author articulates the trajectory that places the father as the founder of the subject's subjectivity. Foundation that comes from the incorporation of a primordial significant, which represents the Name-of-the-Father as symbolic inscription and that marks the singular way in which a subject finds himself in the discursive field of the language and the word.

Keywords: Name-of-the-Father, body, subject, signifier.

Escrever sobre o Pai em psicanálise é discorrer sobre a maneira como essa questão vai ser trabalhada por Freud e Lacan e também por Harari em seus ensinamentos, que foram por sua vez proporcionados pelo avanço de suas clínicas.

O título escolhido nos faz pensar nas palavras incorporado e incorporal. Poderíamos, ao dividi-las ou ao mudar suas posições, escrever: do pai em corpo, do pai corpo ou do corpo do pai, do pai orado ou do pai oral etc.

Vemos que cada escrita contida no título traz a possibilidade de pensar em como o organismo do vivente chega ter um corpo. Um corpo que se apresenta a receber a marca significante, e a ser um lugar de inscrição a partir do qual poderá ser contado como tal.

O modelo para isso é a marca do gado feita a ferro e fogo, ou seja, dor e violência que marca um pertencimento.

Esta amarração proporciona ao sujeito um enraizamento enquanto significante, como função de enodamento sem o qual o sujeito fica à deriva. No entanto, este nó não obtém pleno sucesso no sentido de proteger o sujeito do mal estar, algo falha.

Se lermos os mitos que Freud nos apresenta, o de Édipo e *Totem e Tabu*, vemos que existe sempre para a psicanálise uma certa relação entre o Pai, a tragédia, o desejo, o luto, o sexo e a morte. Freud encara a verdade que o confronta pela via do mito, que não deixa de ser uma maneira discursiva de se dizer algo que não se pode dizer na dimensão da verdade.

Pela sua construção mítica inaugural, ele nos diz que é do Pai que se ingerem pedaços por incorporação e que se tenta fazer Um ali onde o gozo era sem limites.

Freud, no percurso de sua obra, vai localizando o Pai num ponto singular do psiquismo do sujeito, onde? Em sua fundação!

Assim podemos ler sobre a figura do pai impotente da histérica, o pai bonzinho do pequeno Hans, o pai fantasma do homem dos ratos, do pai algoz de *Bate-se numa criança*, o pai gozador de *Totem e Tabu*, o pai traído do drama Edípico, o excêntrico pai de Schreber, entre outras referências.

Do pai incorporado o que se incorpora? O que faz corpo? — o sintoma? O significante? O traço? Os pecados? A culpa? O sangue?

Esta questão do Pai, que articula sexo e morte e questões do corpo, tem por nome na psicanálise o que chamamos de incorporação do Pai ideal, primeira identificação no sentido de Freud. Esta identificação participa da transmissão no sentido de Freud; Esta identificação participa da transmissão de Eros como pulsão, que é por um lado parte da imortalidade da libido, e de outra parte, da relação entre vivente e significante. Essa identificação evoca o corpo como distribuído sob a forma de vínculo de amor ao pai, mas que precisamente ocupa o lugar de um significante. Significante que ainda não vai produzir sujeito algum, pois nenhuma subjetividade pode testemunhar essa incorporação.

O mito freudiano do pai primitivo se apoia principalmente na concepção darwiniana de um Pai forte, violento, enciumado, guardando todas as fêmeas. Esta horda primitiva é, pois, antes de tudo, um bando de irmãos vivendo sob uma tirania sexual forçada. Rechaçados, começam a formar uma força suficiente para enfrentar a tirania paterna. Como nos diz Freud, sua união lhes permitia assim realizar aquilo que cada um deles, individualmente, teria sido incapaz de fazer. Esse pai todo poderoso que exercia sem limites o seu desejo é representado no mito como uma vontade de gozo absoluta e irreduzível. Ele é um pai que situa o seu desejo como sua lei absoluta. Se seu assassinato teve como causa eliminar esse pai que os impedia de ter a liberdade e a gozar de todas as fêmeas, uma condição paradoxal aparece. O assassinato do pai não representou de maneira nenhuma o seu fim, ao contrário, é pelo ato de morte que ele, enquanto figura, reitera sua presença mais forte do que nunca.

Por quê o assassinato do pai colocou-se para o filho como alternativa? Já que ele poderia esperar que o pai morresse. O que é verdade, não se produziria desta maneira nenhum ato. Se a alternativa do assassinato se impõe, isso só pode ser possível porque os filhos também querem gozar e nesse caso eles já estão identificados com o pai, isto é, querem gozar como o pai.

Mas isso não é mais possível, posto que o gozo do pai era absoluto, ele gozava sempre. Pelo assassinato e pela incorporação dos pedaços de seu corpo se celebra neste banquete uma festa que talvez seja a primeira festa do dia do pai, mas que é seguido por intensa culpa de cada um dos filhos nesse ato de matar o pai. Instaura-se a partir de então um tabu de não poder gozar mais de todas as mulheres. A lei do pai morto cria, precipita a proibição de um gozo endogâmico, para uma possibilidade agora sob limites na forma exogâmica.

De um lado, o assassinato do pai é o ato pelo qual o sujeito afirma sua determinação como referida ao mesmo tipo de exigência de gozo que move o pai; ele matou o pai e como ele quer gozar.

Mas, no momento subsequente, o filho, o próprio sujeito experimenta em si, ao lançar-se na satisfação através de algo depositado no exterior — os objetos —, o quanto sua satisfação mesma, enquanto sujeito, não está de modo algum assegurada. Ao matar o pai, o sujeito assumirá para si a responsabilidade de responder a exigência do gozo que o acossa. Ele bate-se então com um indeterminado, a não garantia. A não garantia que, se de um lado o divide, do outro é sua condição de possibilidade como sujeito. Por isso se identifica à lei dos irmãos, lei essa que assegura a vigência de impossibilidade como sujeito. A lei é apenas um outro nome para a não garantia. Essa lei Freud funda nos mitos, no complexo de Édipo e seu fundamento, *Totem e Tabu*, que fazem com que a estrutura psíquica seja sustentada sobre Um primeiro, o significante amo que Lacan chamou de nome do Pai.

O nome do pai remete ao fato de que para que um homem e uma mulher possam se encontrar, descobrir alguns interesses recíprocos e eventualmente se desejar e até mesmo copular e engendrar, é necessário que haja aí um mistério, assim como um espírito, ou ainda uma certa forma de encanto, isso que podemos interpretar como vontade inscrita no Outro.

Na falta desta centelha, o corpo permanece um real de carne mais ou menos repugnante e não se esclarece a imago que o torna desejável. Falando de uma forma simples, o nome do pai é isso que remete a este fato, à essa intervenção terceira e necessária para que o dito encontro possa acontecer. É por isso que podemos dizer que um casal constitui sempre um *ménage a trois*, ou seja, que é preciso contar nele um a mais. O que a psicanálise traz de essencial é que essa inspiração, esse maná, emana não mais de algum espírito, mas de um lugar. É, então, com a topologia que estamos implicados. Com o fato de que esse lugar se acha instaurado, inscrito pelo recalçamento originário. Por quê é o significante do pai que vem representar este lugar? Vemos que isso não pode se dar senão pelo efeito de um mito que é sempre celebrado na medida que continuamos sempre a vivê-lo, na medida que estamos imersos nele. Neste mito, vemos que o pai primordial aparece como uma exceção, ele é aquele que está fora do gozo fálico, mas que possibilita dar início ao conjunto dos homens que só podem gozar falicamente.

A criação do *Urvater* em *Totem e Tabu* pode talvez ser considerado um acontecimento na obra freudiana, já que ela seria a expressão simbólica dessa função arcaica e inconsciente que faz a passagem dos processos de força para os processos qualitativos e é também o momento da inscrição do *Urtrieb*.

Essa função, através da proibição que ela opera, marca um limite para o caos pulsional. Assim, do pai primevo, pai da horda, emerge o pai morto — o pai simbólico. O pai morto torna-se esta marca que se inscreve simbolicamente encarnando num corpo que revela ser simbólico.

Essa operação incide sobre o organismo do vivente e inicia por essa marca a produção de um ser falante, que por ser dividido, por ter sofrido o recalque originário, ganha a possibilidade de se

nomear como tendo um corpo. Esse significante amo funda uma falta, que falta ao significante e requer sua articulação e que só pode fazer Um na ordem desse disjuntivo com função de se-parar.

Cada vez mais vemos com Lacan que o primordial é a fala. É da fala que surge o desejo e o corpo liga-se ao desejo. A fala, com efeito, é um dom de linguagem, e a linguagem não é imaterial — é corpo sutil, mas é corpo. As palavras são tomadas em todas as imagens corporais que captam o sujeito: pode engravidar a histérica, identificar-se ao objeto do *Penisneid*, representar o fluxo da urina da ambição uretral ou o excremento retido do gozo avaro. O primeiro corpo, diz Lacan, o verdadeiro corpo, é a linguagem, que ele denomina como corpo simbólico.

O simbólico, com efeito, é um corpo, pois podemos considerá-lo como um sistema de relações internas. A linguagem é corpo, e além disso, é corpo que dá corpo. O corpo do simbólico é o corpo incorporal que, se incorporando, possibilita o nascimento de um corpo.

Vemos que todo esse percurso que a medida da função do Pai no registro simbólico é dada por um vetor que deve encarnar a lei do Pai no desejo, pela via da interdição Edípica. Interdição que impõe uma separação de seu objeto de gozo — a mãe — e faz inaugurar a metonímia do desejo.

É a Lei como estatuto de uma ordem discursiva entre os homens que abre o campo do Outro, que é onde o sujeito vai encontrar uma significação.

Sabemos que no sangue do filho corre na mãe, mas como entra, como se incorpora aí um pai?

Ouvimos uma mãe em análise dizer sobre seu filho já adulto o seguinte: é impressionante como o pai corre no sangue. Ele é igualzinho ao pai sem tê-lo conhecido.

Isso que a impressionava ocorria na medida em que o pai havia morrido quando o filho era ainda bebê, e aspectos que eram bastante desagradáveis no marido falecido, ela também encontrava no filho, que também a decepcionava.

A surpresa desta senhora dirigia-se a esse sujeito fixado num ponto de seu fantasma que o alienava sob o significante ordinário. Com o mesmo significante referia-se ao marido morto e a seu próprio pai numa história de abandono. O ordinário que corre no sangue impõe a ordem do pai simbólico na transmissão de suas insígnias através da cadeia geracional, fazendo-nos pensar que o que corre no sangue são as palavras.

Lacan nos diz que o que funda o sujeito é uma operação discursiva. Se Freud nos disse que a anatomia é o destino, Lacan o interpreta como o discurso é o destino.

Para concluir, trago o seguinte: o pai, na verdade, não pode impedir que o mal-estar humano lhe lembre sua origem pulsional, mas pode talvez, como testemunha o desejo de Freud e Lacan com a psicanálise, apontar o caminho desejante.

Se talvez pensarmos que uma análise tenha duração da escritura dos nomes do Pai e que possa ser um tempo que o sujeito leva para fazer a leitura dos nomes que o pai tem, não mais pela da interdição, mas pela via da castração. Até descobrir, pela via do desejo, que o pai não tem nome.

Então, do pai consistente em Freud, passando pelo S.I.R — que podemos ler como *senhor* na abordagem teórica do primeiro Lacan — Lacan propõe um ir mais além, ao mudar a primazia do simbólico pelo real – RSI, que, como nos diz Harari, pode-se ler como *hérésie* — possibilitando, então, que de um amor eterno se possa chegar a um amor herético pelo pai, e talvez aí esteja o que Lacan chamou de o verdadeiro amor.

Referências

FREUD, S. Totem e Tabu. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol XIII.

FREUD, S. Um transtorno de memória na Acrópole. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol XXIII.

HARARI, R. *O que diz, do corpo, nossa psicanálise?* Seminário ditado na Maiêutica Florianópolis em 2006. Inédito.

HARARI, R. *Do Pai em Psicanálise*, Seminário ditado na Maiêutica Florianópolis em 2007. Inédito.

LACAN, J. *Televisão*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993.

LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993.

LACAN, J. *Nome do Pai*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993.

MOSCOVITZ, J-J. *Do Pai*. Rio de Janeiro: Littoral. Cia de Freud.

Alberto Philippi May

Psicanalista, membro da Trieb – Espaço de Psicanálise.